



UM CONVITE - APROXIME-SE E VERÁ: O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO

UNA INVITACIÓN - ACÉRCATE Y VERÁS: EL FEMINISMO ES PARA TODO EL MUNDO

AN INVITATION: APPROACH AND YOU WILL SEE: FEMINISM IS FOR EVERYONE

SANTINO, Fernando Schlindwein ¹
CREMONEZE, Marcielli de Lemos ²
MENDONÇA, Rhebeca Oliveira ³

Resumo

Objetivamos divulgar e popularizar o debate/pensamento da bell hooks relacionando-o com a educação, em especial, a Educação Infantil, por meio da literatura infantil com perspectivas feministas. Para isso, utilizamos como metodologia, a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo analítico. Nossa abordagem consistiu-se na leitura e análise do livro: “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras” da autora bell hooks (2018), os conceitos-chave discutidos no livro são acerca de: “gênero”, “raça”, “classe”, “empoderamento feminino”, “sororidade”, “sexismo”, “misoginia” e sobre a “sociedade patriarcal”. Um dos pontos destacados por hooks (2018) é a escassez de livros infantis, ela considera que poucas pessoas dos movimentos feministas escrevem livros infantis ou sequer tem este público, as crianças, como foco. Por esse motivo, neste estudo, selecionamos, descrevemos e analisamos três livros infantis, a saber: "Meu crespó é de rainha", "Princesas em Greve" e "As bonecas da vó Maria" com a intenção de divulgar/inspirar a construção de mais literatura infantil que possa articular-se com os movimentos feministas. Ao finalizar o estudo, acreditamos que a prática do diálogo nos contextos educacionais, desde a mais tenra idade, é um dos meios mais potentes com a qual nós, como professoras, acadêmicas e pensadoras críticas, podemos começar a (re)pensar, cruzar as fronteiras e as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero e pela classe social. Esse artigo é um convite à percepção dessas dimensões a partir de bell hooks.

Palavras-chave: Educação Infantil; Livros Infantis; Feminismo; bell hooks.

Resumen

¹ Doutorando em Educação (UFSCar) São Carlos - São Paulo, Brasil. Mestre em Educação (UNESP). Licenciado em Pedagogia (UFMS). fernando.santino@estudante.ufscar.br

² Doutoranda em Educação (UFSCar) São Carlos - São Paulo, Brasil. Mestra em Educação Matemática (UFMS). Licenciada em Pedagogia (UFMS). marciellcremoneze@hotmail.com

³ Mestranda em Ensino na Educação Básica (UFG) Goiânia - Goiás, Brasil. Licenciada em Pedagogia (UEG). rhebecamendonca@gmail.com

Objetivamos difundir y popularizar el debate/pensamiento de bell hooks relacionándolo con la educación, en particular, la Educación Infantil, a través de la literatura infantil con perspectiva feminista. Para ello, utilizamos como metodología, la investigación cualitativa, de carácter analítico descriptivo. Nuestro enfoque consistió en leer y analizar el libro: “El feminismo es para todos: Políticas arrebatadoras” de la autora bell hooks (2018), los conceptos clave discutidos en el libro son sobre: “género”, “raza”, “clase”, “empoderamiento femenino”, “*sororidade*”, “sexismo”, “misoginia” y sobre “sociedad patriarcal”. Uno de los puntos que destaca hooks (2018) es la escasez de libros infantiles, considera que pocas personas de los movimientos feministas escriben libros infantiles o incluso tienen como foco a este público, los niños. Por ello, en este estudio, seleccionamos, describimos y analizamos tres libros infantiles, a saber: "Mi crespo es reina", "Princesas em Greve" y "Como muñecas de abuela María" con la intención de divulgar/inspirar la construcción de más literatura infantil que se pueda articular con los movimientos feministas. Al final del estudio, creemos que la práctica del diálogo en contextos educativos, desde edades tempranas, es uno de los medios más poderosos con los que nosotros, como docentes, académicas y pensadoras críticas, podemos comenzar a (re)pensar, cruzar fronteras y barreras que pueden o no ser erigidas por raza, género y clase social. Este artículo es una invitación a percibir estas dimensiones desde bell hooks.

Palabras clave: Educación Infantil; Libro de niños; Feminismo; bell hooks.

Abstract

We aim to disseminate and popularize the bell hooks debate/thought relating it to education, in particular, Early Childhood Education, through children's literature with feminist perspectives. For this, we used as a methodology, the qualitative research, of analytical descriptive character. Our approach consisted of reading and analyzing the book: “Feminism is for everyone: Rapturing policies” by the author bell hooks (2018), the key concepts discussed in the book are about: “gender”, “race”, “class”, “female empowerment”, “sisterhood”, “sexism”, “misogyny” and about “patriarchal society”. One of the points highlighted by hooks (2018) is the scarcity of children's books, she considers that few people from feminist movements write children's books or even have this audience, children, as a focus. For this reason, in this study, we selected, described and analyzed three children's books, namely: "My crespo is queen", "Princesas em Greve" and "As dolls of vó Maria" with the intention of divulging/inspire the construction of more children's literature that can be articulated with feminist movements. At the end of the study, we believe that the practice of dialogue in educational contexts, from an early age, is one of the most powerful means with which we, as teachers, academics and critical thinkers, can begin to (re)think, cross borders

and barriers that may or may not be erected by race, gender and social class. This article is an invitation to perceive these dimensions from bell hooks.

Keywords: Child education; Children's book; Feminism; bell hooks.

1. Introdução

bell hooks⁴ é uma grande teórica do Feminismo, mais especificamente do movimento feminista negro⁵. Discorre de maneira compreensível e singular sobre essa vertente do Feminismo. Conceitua, contextualiza, historiza, aponta caminhos para sua execução e, acima de tudo, revela o papel de cada um dos atores sociais neste movimento importante de quebra da mentalidade patriarcal em nossa sociedade.

Na infância, estudou em escolas públicas para negros, pois nos Estados Unidos (EUA), ainda havia escolas que praticavam segregação racial. Já, na adolescência, quando passou para uma escola integrada, viveu momentos de discriminação por ser minoria numa instituição, na qual, tanto os alunos quanto os professores eram majoritariamente brancos. Além disso, é de família numerosa, cinco irmãs, um irmão, e de classe trabalhadora; bell hooks usou a própria vida e a escola como fontes dos seus primeiros estudos sobre classe, raça e gênero, buscando sempre, nesses três elementos, os fatores dos sistemas de dominação e opressão.

No local em que morava “A homossexualidade entre homens era mais aceitável que a lesbianidade.” (hooks, 2018, p. 103). Com base em sua vida pessoal e experiências acadêmicas teve inúmeros motivos para escrever a obra “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras”. A obra objetiva demonstrar para todas as pessoas que o feminismo é um movimento que visa o fim da sociedade sexista e opressora, evidenciando que não são somente os homens que perpetuam esse poder, mas, também

⁴ O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar visibilidade ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

⁵ hooks (2018) elenca que mulheres negras sempre foram/são ativas no movimento feminista, no entanto, suas pautas não tinham visibilidade nas mídias de massas.

as próprias mulheres. “O objetivo do feminismo global é se estender e alcançar lutas globais para acabar com o sexismo, a exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p. 61). Acerca dos movimentos feministas, hooks (2018, p. 111), ressalta ainda a importância do amor e da justiça fazer parte das políticas que amparam o movimento: “não pode haver amor sem justiça (...) o amor tem o poder de nos transformar e nos dar força para que possamos nos opor à dominação. Escolher políticas feministas é, portanto, escolher amar.”

Algumas pessoas parecem sentir medo dos movimentos feministas, uma justificativa pode estar no fato de não haver muitos materiais acessíveis à população acerca do assunto, objetivando mudar esta realidade (hooks, 2018, p. 9) delinea “[...] então me ocorreu que eu deveria escrever um livro fácil de ler que explicasse o pensamento feminista e incentivasse as pessoas a adotar políticas feministas [...]”.

Além disso, (hooks, 2018, p. 9) citou que: “Ao ouvir todas as reclamações sobre a teoria feminista ser “muito acadêmica” ou “muito cheia de palavras que a galera não entende [...]”, senti que, de alguma forma, o movimento tinha falhado, já que não conseguimos esclarecer para todo mundo as políticas feministas.”

Ao encontro do que fora exposto por hooks, objetivamos redigir este estudo para que mais pessoas possam ter acesso aos objetivos dos movimentos feministas e as possíveis relações com a Educação e Educação Infantil, ou seja, um texto de fácil leitura que possa popularizar o feminismo com rigor teórico. Trazemos abaixo algumas das ideias principais da autora.

2. O caminho percorrido pelo movimento feminista: Onde estamos? Onde queremos chegar?

Iniciamos a escrita desta seção nos perguntando "o que sabemos sobre feminismo?", "onde fora que aprendemos sobre feminismo?". Fazendo uma busca nas nossas memórias, concordamos com bell hooks (2018) ao mencionar que o pouco que sabemos, está relacionado com o que veicula a mídia patriarcal. Mas ao nos convidar para conhecer o feminismo, hooks (2018, p. 17) traz uma definição, mais que um convite aberto para todos, faz de maneira simples, clara e potente "[...] feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão." Esta é a definição

dada pela autora, deixando explícito que homens não são os "inimigos", mas coloca em xeque o sexismo como problema base. Portanto, para entendermos de feminismo faz-se necessário compreendermos o que é sexismo e o que está intrínseco nele.

Sendo assim, colocar em discussão questões do sexismo e da dominação masculina é fundamental para compreendermos o patriarcado como sistema de dominação e isso se faz necessário para todos. Partindo desta compreensão, mulheres se juntaram em grupos de conscientização para aprenderem sobre sexismo, colocarem em destaque o sistema patriarcal e suas consequências no cotidiano. Por meio desses grupos, mulheres se desconstruíram e passaram a desafiar o patriarcado em casa e no trabalho. A comunicação e o diálogo eram centrais nas pautas de conscientização. Mulheres de diferentes classes e raças integravam os grupos. Para hooks (2018) o estudo de mulheres era um ato político, mulheres confrontavam o pensamento sexista, desconstruíam e movimentavam.

Como mencionado, o pouco que sabemos sobre feminismo vem da mídia patriarcal, o que leva a compreensão de que feminismo é a busca das mulheres serem "iguais" aos homens ou mesmo que feminismo é "anti-homem". Para hooks (2018), inicialmente o movimento feminista tinha o sentimento de que homens eram inimigos e que mulheres e espaços feministas não compartilhavam pensamentos sexistas. Porém, ao passar do tempo foi notificado que mulheres também compartilhavam o sexismo, isso porque, assim como os homens, fomos educadas em uma sociedade patriarcal. Assim, a ideia "anti-homem" deixou de fazer sentido e não mais definiam o movimento (hooks, 2018). hooks (2018) elenca que "É urgente que homens levantem a bandeira do feminismo e desafiem o patriarcado." (hooks, 2018, p. 122). Além disso, hooks (2018, p. 89) destaca que "o movimento desafiou o padrão binário de sexualidade que condenava mulheres" Para o movimento encontrar o problema real, precisávamos debater e confrontar tudo que fora construído pelo patriarcado, não poderíamos viver em confronto umas com as outras a serviço do patriarcado, "O foco passou a ser um grande esforço para criar justiça de gênero. Mas as mulheres não poderiam se juntar para promover o feminismo sem confrontar nosso pensamento sexista." (hooks, 2018, p. 18).

Inicialmente, o foco feminista na violência doméstica destacou a violência masculina contra as mulheres, mas,

[...] à medida que o movimento avançava, as evidências mostravam que havia violência doméstica presente nas relações do mesmo sexo, que as mulheres nas relações com mulheres eram muitas vezes vítimas de abuso, que as crianças eram também vítimas da violência patriarcal adulta promulgada por mulheres e homens (hooks, 2018, p. 74).

hooks afirma que antes que as mulheres queiram mudar o patriarcado, é preciso mudar a si mesma, se desconstruir e a partir disso, entendendo o patriarcado como um sistema de dominação, pensar em estratégias de intervenção e transformação.

hooks (2018) pondera que a *sororidade* é umas das chaves para o movimento, e tem como base o comprometimento de mulheres estarem unidas politicamente para enfraquecer o sexismo. A sororidade só é possível se transcender os limites de raça e classe, o privilégio de algumas mulheres e a exploração de outras precisam ser destaque e pauta política, pois dentro do sistema social de raça, classe e sexo a mulher negra é a base da pirâmide da opressão.

A sororidade precisava transcender a luta contra a dominação masculina, precisávamos confrontar maneiras de dominação que mulheres privilegiadas (brancas, classe média) usavam para explorar outras mulheres. Neste contexto, "Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero. Pensadoras revolucionárias (...). Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado." (hooks, 2018, p. 19). A pauta das pensadoras revolucionárias objetivava mais do que direitos para as mulheres, queriam acabar com o patriarcado, o que demandava confrontar questões de sexo, classe, raça etc..

No entanto, por meio da mídia patriarcal, o destaque fora dado aos levantes de mulheres brancas e privilegiadas que ao conquistarem poder econômico, deixaram de considerar o feminismo revolucionário capaz de colocar em xeque toda estrutura patriarcal. "O feminismo reformista se tornou o caminho para a mobilidade de classe." (hooks, 2018, p. 20). Fazia sentido que homens brancos apoiassem o movimento, considerando que o direito às mulheres brancas serviriam para manter a supremacia branca. Aos poucos, mulheres privilegiadas, ao se libertarem da dominação masculina, principalmente no mercado de trabalho, passaram a subordinar mulheres trabalhadoras e pobres que eram exploradas a fazerem o serviço que as privilegiadas se recusavam. Questões do sexismo

deixaram de fazer sentido à elas, que passaram a entender o feminismo como "estilo de vida".

Como vemos, o feminismo não pode ser entendido como estilo de vida, pois perde o cunho político de colocar em xeque a opressão sexista que vai muito além da conquista de mulheres brancas, privilegiadas no mercado de trabalho, mas sim um movimento para acabar com o sexismo.

hooks pontua qual era a posição das mulheres negras nesse movimento, visto que, elas sempre estiveram presente desde o início, no entanto, nunca em posição de destaque das mulheres brancas. A autora assevera acerca da liderança do movimento:

[...] mulheres brancas com poder de classe declaram ser donas do movimento, serem líderes e o resto era um grupo de seguidoras. Relações paradigmáticas entre as classes ofuscaram questões do racismo, nacionalidade e gênero no neocolonialismo contemporâneo. (hooks, 2018, p. 58).

Neste sentido, "a política começou a ser aos poucos removida do feminismo. E prevaleceu a hipótese de que não importa o posicionamento político de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela também pode encaixar o feminismo em seu estilo de vida." (hooks, 2018, p. 21). O feminismo como estilo de vida era aceitável na sociedade patriarcal, porque as mulheres poderiam ser feministas sem desafiar e movimentar a opressão de si mesmas e de outras mulheres. Para a autora:

Se feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista, e se privar mulheres de seus direitos reprodutivos é uma forma de opressão sexista, então uma pessoa não pode ser contra o direito de escolha e ser feminista. Uma mulher pode afirmar que jamais escolheria fazer aborto enquanto afirma seu apoio ao direito de as mulheres escolherem, e ainda assim ser uma defensora de políticas feministas. Ela não pode ser antiaborto e defensora do feminismo. Ao mesmo tempo, não pode haver algo como "feminismo como poder", se a noção de poder suscitada for poder adquirido através de exploração e opressão de outras pessoas (hooks, 2018, p. 21).

Ao encontro desta ideia, a autora destaca ainda que "Lésbicas que têm uma mentalidade patriarcal são muito menos ameaçadoras para os homens" (hooks, 2018, p. 105). No entanto, a autora ressalta que "Uma mulher não se torna feminista simplesmente por ser lésbica, da mesma forma que não se torna política por ser lésbica." (hooks, 2018, p.

102). Podemos citar como exemplo, um excerto do livro de hooks (2018, p. 106) “Há várias mulheres que jamais (...) desejarão sexualmente outra mulher, mas que sempre apoiarão o direito das mulheres de escolher, de ser lésbica ou bissexual”.

Já ouvimos sobre o feminismo, mas nada fora tão sensível e potente do que ler "Feministas são formadas, não nascem feministas. [...]" (hooks, 2018, p. 23). A autora faz um alerta sobre a importância de conhecermos nossas amarras, pois mulheres são tão "educadas" a ter pensamentos sexistas quanto os homens, a diferença é que homens se beneficiam do sexismo, e nós mulheres³ não, somos nós que sofremos a opressão do patriarcado.

Aos poucos, o estudo de mulheres passou a integrar a academia, acertadamente um grande avanço, porém, a universidade é um lugar de privilégio de classe, assim, mulheres trabalhadoras e pobres ficaram fora das discussões. Como poderemos confrontar o patriarcado se não ouvirmos todas as vozes? Com isso, o movimento perdeu sentido, os grupos para estudos e conscientização foram se perdendo, não se debatia mais sobre o sexismo.

Com o foco reforçado na construção da mulher como “vítima” de uma igualdade de gênero que precisava ser reparada (através de mudanças nas leis discriminatórias ou de ações afirmativas), a ideia de que mulheres precisavam primeiro confrontar seu sexismo internalizado como processo para se tornar feminista perdeu o valor. Mulheres de todas as idades agiam como se se preocupar com ou ter raiva da dominação masculina ou da igualdade de gênero fosse tudo o que era preciso para uma pessoa se tornar “feminista” (hooks, 2018, p. 26).

O feminismo como política fora perdendo sentido nesse contexto, mulheres passaram a levantar bandeira feminista sem compreender e desafiar o sexismo internalizado, o que levava a compreensão de que não era necessário um cunho político, pois uma mulher poderia ser feminista, independente da orientação política, por exemplo.

Para hooks (2018) é imprescindível defender políticas que objetivem rever as ações patriarcais confrontando o sexismo internalizado, pois só assim poderemos avançar na luta dos movimentos feministas. A autora pondera que "O pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos." (hooks, 2018, p. 27). São esses pensamentos que precisam ser confrontados por todas nós mulheres⁶ e homens aliados aos ideais do movimento feminista.

⁶ O estudo fora redigido por uma quantidade maior de mulheres, por isso defendemos o uso deste termo “nós mulheres”.

Nós mulheres somos socializadas para competirmos umas com as outras desde a gestação, somos educadas para termos inveja, medo e insegurança uma das outras. Precisamos desconstruir esse pensamento, no entanto, isso não é tarefa fácil, é preciso nos juntarmos para aprender sobre “o inimigo interno” fazendo referência ao pensamento sexista internalizado.

Se a sociedade e as políticas não forem revistas, as consequências do sistema patriarcal continuarão. hooks (2018) afirma que a pobreza é uma questão feminista que vem sendo discutida. Sobre isso, a autora assevera que o patriarcado “[...] privará mulheres pobres e indigentes do acesso às necessidades mais básicas da vida: abrigo e comida” (p. 66). Da mesma forma, a autora cita que “[...] dinheiro não significa mais liberdade se nossas finanças não forem usadas para facilitar o bem-estar” (hooks, 2018, p. 67). Em seguida complementa salientando que abordar a situação econômica das mulheres é uma pauta que precisa ser discutida no feminismo, pois trata de coletividade e esse fator une as demais mulheres.

Outro tema abordado é sobre a maternagem e paternagem feministas, hooks (2018), destaca que o número de casos em que crianças são maltratadas por algumas mulheres não são tão enfatizados como a violência causada pelos homens da própria família. Por tal motivo, é importante educar as crianças sem ideologias sexistas, e isso pressupõe questionar os motivos pelos quais essa agressão ocorre. Sobre este tema, a autora afirma que tanto o machismo quanto o sexismo afeta às crianças e ainda corrobora:

O fato de que vários ataques violentos contra crianças seja cometido por mulheres não é igualmente destacado e visto como outra expressão de violência patriarcal. Sabemos agora que crianças são violentadas, não somente quando são o alvo direto de violência patriarcal, mas também quando são forçadas a testemunhar atos violentos (hooks, 2018, p. 75).

Em suma, evidenciamos o excerto em que hooks relembra que “[...] mulheres não precisam depender de homens para alcançar bem estar e felicidade – nem mesmo satisfação sexual [...]” (hooks, 2018, p. 103) pois se depender de outra pessoa: “[...] já estará abrindo mão de seu poder de se autodefinir, de seu protagonismo.” (hooks, 2018, p. 104). Ou seja, é de elementar importância que nós mulheres estejamos conscientes do

nosso protagonismo sem a necessidade da figura masculina. Tal pensamento tende a ser "ameaçador" para a sociedade sexista.

hooks (2018) faz um alerta para o fato de que alguns pensamentos são diretamente influenciados por determinadas instituições que toleram o sexismo e a dominação masculina, como por exemplo, a instituição religiosa que “inspira as formas como aprendemos tudo sobre os papéis dos gêneros nesta sociedade.” (hooks, 2018, p. 113). No entanto, a autora ressalta que não é necessário criar conflitos entre religião e os movimentos feministas, somente seria interessante rever algumas ideologias que são transmitidas por determinadas religiões.

Como já mencionado, além das críticas a sociedade ter regras e transmitir ideologias sexistas referentes à maternagem, paternagem, mercado de trabalho e algumas instituições religiosas, hooks (2018) chama a atenção para algumas ações que não foram foco do movimento feministas na área da educação como, por exemplo: “Não existe uma escola feminista nem uma faculdade feminista.” (hooks, 2018, p. 118) além disso, “até o momento não produzimos um corpus de teoria feminista visionária em uma linguagem acessível nem compartilhamos isso por comunicação oral” (hooks, 2018, p. 118).

Como já mencionado, inicialmente mulheres aprendiam sobre feminismo em grupos, confrontando o sexismo de boca em boca, depois pelos jornais até chegar à academia. No entanto, nem sempre a notícia sobre o feminismo, a real luta contra o sexismo chega as mulheres pobres, pois muitas não têm acesso à escrita acadêmica e, infelizmente, o que a mídia patriarcal compartilha está a serviço do patriarcado. hooks (2018, p. 38) destaca que "Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita. Há uma multidão que não tem habilidade para ler a maioria dos livros feministas." Ainda destaca a literatura infantil como uma possibilidade promotora de uma conscientização crítica.

Em suma, a maior parte das pessoas que compõem os movimentos feministas “não escreve livros infantis, não ensina em escolas fundamentais ou de ensino médio nem sustenta uma influência poderosa que tenha impacto construtivo no que é ensinado em escolas públicas.” (hooks, 2018, p. 119). Pensando nisso, a falta de divulgação do movimento feministas por meio dos livros, justificamos a necessidade de ampliar a

propagação de livros infantis que possibilitam o diálogo entre a educação e o pensamento feminista. Ao encontro desta ideia, hooks (2018, p. 37) sublinha que "A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas." Concordamos com a autora, pois a literatura infantil tem papel fundamental para movimentar diferentes linguagens de maneira crítica e emancipatória para uma sociedade mais justa, de paz e equitativa. Por esse motivo, dedicamos a próxima seção para abordar sobre esta temática.

3. A literatura infantil com viés feminista: será um convite para a conscientização crítica sobre o sexismo? Aproxime-se e verá!

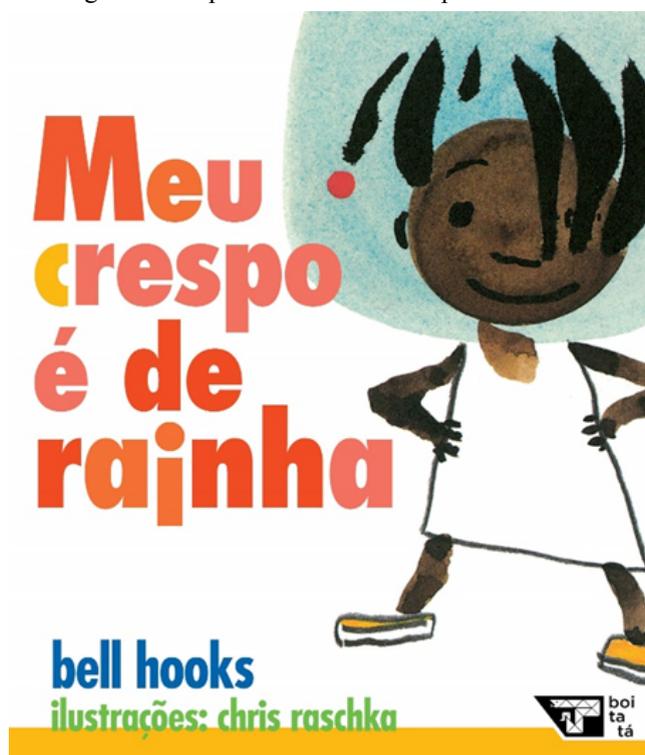
A literatura infantil faz parte do cotidiano das crianças nas instituições educacionais desde a Creche ao Ensino Fundamental. Por meio da literatura, bebês, crianças pequenas e crianças vivem o imaginário e conhecem o mundo que as cercam. No entanto, muitas vezes, essas leituras reforçam marcas da nossa sociedade, reproduzem estereótipos, fortalecem padrões sociais sexistas e patriarcais. Por outro lado, encontramos pesquisas que apontam a literatura infantil como potente ferramenta contra o todos os itens citados anteriormente e também contra o racismo, trazendo uma abordagem racial de maneira a contribuir para o fim das opressões raciais.

Ao realizar pesquisas sobre literatura infantil com abordagem feminista, constatamos uma notável escassez de obras com essa temática. É importante ressaltar que há um repertório limitado de livros que abordam questões feministas. No entanto, conforme afirmado por hooks (2018), o feminismo é para todas as pessoas, inclusive as crianças. Portanto, neste item, apresentaremos alguns livros de literatura infantil que abordam temáticas raciais e de gênero, com o objetivo de promover um diálogo entre a literatura infantil com viés feminista e a experiência da infância.

As obras foram selecionadas com base em critérios de inclusão, primeiramente verificamos quais têm personagens negros(as) e/ou histórias que desconstruam

estereótipos machistas de sociedade, logo, realizamos a leitura para compreender se realmente o título/imagem estavam em consonância com a história. Deste modo, após uma seleção criteriosa, chegamos aos seguintes títulos de livros infantis: "Meu crespo é de rainha", "Princesas em Greve" e "As bonecas da vó Maria", que serão apresentadas e analisadas a seguir.

Figura 1 – Capa do livro "Meu crespo é de rainha"



(hooks, 2018).

O livro "Meu crespo é de rainha" dedica várias páginas para descrever os cabelos das crianças negras, destacando-os de maneira extremamente valorizada por meio de ilustrações ricas em detalhes. A autora utiliza palavras e expressões comparativas e afetuosas para descrever o cabelo negro, referindo-se a ele como "macio como algodão, pétala de flor ondulada e fofa" (hooks, 2008, p. 4) ou "cabelo tão sedoso, tão gostoso de brincar" (hooks, 2008, p. 15). Essas descrições possibilitam imaginar crianças negras vivendo suas infâncias com leveza e amor, onde suas características físicas são reconhecidas e exaltadas.

Dessa maneira, essa obra busca retratar, por meio de suas ilustrações, a diversidade étnico-racial e uma variedade de estilos de cabelo de crianças negras. Essa representação do cabelo das crianças negras serve como um meio de explorar sua identidade, destacando palavras como "pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho, ou livre, leve e solto" (hooks, 2008, p. 8-10) ou "cachinhos, crespinhos, birotos, coquinhos" (hooks, 2008, p. 23). Essas expressões, apresentadas em diferentes tamanhos de letras, capturam a atenção da criança leitora, fazendo com que ela se reconheça e se sinta empoderada.

Em contrapartida à realidade vivida em nossa sociedade, o livro "Meu crespo é de rainha" tem como objetivo enaltecer a criança negra, promovendo sua autoestima e empoderamento ao valorizar as características de seu cabelo por meio de ilustrações vibrantes e alegres que remetem à infância. O texto também contribui para esse propósito, como evidenciado no trecho: "O meu crespo é de rainha! Feliz com o meu cabelo firme e forte" (hooks, 2008, p. 27-28). Esse trecho, juntamente com as belíssimas ilustrações, transmite às crianças negras uma subjetividade entrelaçada com o desejo de querer e apreciar sua negritude, pois elas reconhecem suas características e se orgulham delas. De acordo com Silva e Branco (2011, p. 199): "Assim sendo, a negritude não é somente uma busca de identidade enquanto forma positiva de afirmação de características negras, mas também um argumento político diante de uma relação de dominação".

A autora trata também da ancestralidade e da cultura da criança negra, numa delicada ilustração representa a mãe da menina, protagonista da história, penteando seus cabelos, acompanhado de frases como: "Sentadinha de manhã, esperando as mãos carinhosas que escovam ou trançam" (hooks, 2008, p. 18). A ancestralidade é muito importante para a criança negra, ou seja, as relações dela com seus antepassados e família contribuem como suporte para enfraquecer o preconceito racial, sendo uma interação necessária. Para Silva e Branco (2011, p. 204): "[...] as raízes do preconceito estão sendo co-construídas nas interações entre as crianças, sem sensibilidade para o pertencimento étnico racial de crianças negras envolvidas"

Um ponto negativo se manifesta quando os livros infantis promovem o branqueamento e não reconhecem o valor da infância da criança negra, diminuindo assim a importância dessa fase crucial de desenvolvimento, conforme apontado por Silva (2016). Essa situação surge devido à falta de habilidade dos adultos em lidar adequadamente com essa questão. Como resultado, a criança negra é sobrecarregada precocemente com uma responsabilidade que lhe é imposta, sem receber o suporte necessário para enfrentar esses desafios de forma saudável.

O livro assume um papel de extrema relevância em nossa sociedade, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, conforme ressaltado por Silva (2016). Em uma sociedade permeada pelo racismo, o ambiente nunca oferece as condições ideais para que as pessoas negras possam desenvolver todo o seu potencial. A hostilidade e a negação de sua identidade são persistentes, resultando em um intenso sentimento de inferioridade e insatisfação. O conflito entre aquilo que desejam ser e as limitações impostas se torna uma fonte humilhante de frustrações precoces.

Desse modo, nos dias atuais, é amplamente reconhecido que um número incalculável de mulheres, incluindo meninas muito jovens, enfrentam uma batalha para se adequar a padrões irrealistas de beleza. Essa pressão pode acarretar uma série de problemas, que vão desde questões de insegurança e baixa autoestima até transtornos mais graves, como anorexia, depressão e até mesmo tentativas de mutilação ou suicídio. Para as garotas negras, esse “fardo” pode ser ainda mais pesado devido à escassez de representatividade nos meios de comunicação e na cultura popular, assim como à prevalência de referências eurocêntricas que enfatizam pele clara e cabelos lisos. A seguir analisaremos outro livro selecionado, intitulado: "Princesas em Greve".

Figura 2 - Capa do livro "Princesas em Greve"



(LINHARES, 2019).

“Princesas em Greve”, escrito pela autora Thais Linhares, é um encantador livro infantil que narra a história de várias princesas que estão cansadas de serem tratadas apenas como figuras reais e de terem que obedecer às regras impostas pela sociedade em seu reino. Determinadas a conquistar seus direitos, elas decidem entrar em greve e levantar suas reivindicações com coragem e determinação.

Em suas demandas, as princesas destacam a importância de terem o direito de estudar e seguir qualquer profissão que desejem, sem serem forçadas a casar contra sua vontade. Elas também reivindicam o direito de usar roupas confortáveis e de brincar com aquilo que as faz felizes, sem a imposição de estereótipos de gênero. Em suma, as princesas lutam por uma sociedade em que não exista um padrão de beleza imposto a elas, onde possam ser livres para serem elas mesmas.

Além disso, Linhares (2019) aborda de forma lúdica e acessível diversas questões fundamentais dos movimentos feministas, como o empoderamento feminino, a diversidade e a igualdade de gênero, dado que vai ao encontro do que fora defendido por hooks (2018). Com ilustrações coloridas e uma linguagem descontraída, a obra torna a leitura envolvente e divertida para as crianças. Além de entreter, o livro desempenha um papel educativo valioso ao ensinar às crianças que elas têm o direito de serem o que quiserem, independentemente do gênero, e que podem lutar pelos seus desejos e sonhos. É uma ferramenta poderosa para instigar reflexões sobre igualdade, respeito e autonomia, transmitindo valores importantes desde a infância.

Linhares (2019) nos convidam a nos libertar de roupas ridículas, apertadas e constrangedoras, permitindo-nos agitar, correr, pular, brincar, dar cambalhotas e dançar, mas com total liberdade. A autora ressalta a importância de vestirmos roupas que sejam confortáveis e nos permitam expressar nossos movimentos e sonhos. Além disso, é enfatizado que não devemos julgar ninguém com base em suas vestimentas, estabelecendo que isso seja um decreto inquestionável. Assim, a metáfora do bolo é utilizada para ilustrar a necessidade de proteção e segurança, buscando uma sociedade em que todos possam ir e vir em paz, sem ameaças ou violências, focando na essência e não na aparência.

Em resumo, *Princesas em Greve* é um livro envolvente e inspirador que desafia as expectativas de gênero estabelecidas, demonstrando que qualquer indivíduo, independentemente do seu gênero, tem o potencial de alcançar seus objetivos e impactar o mundo ao seu redor. Ao retratar as princesas como personagens fortes e competentes, essa história não apenas encoraja as crianças a romperem as limitações impostas pelas normas sociais, mas também enfatiza a importância da colaboração e da empatia para alcançar metas em conjunto. O livro transmite a mensagem poderosa de que todos têm o direito e a capacidade de moldar seu próprio destino, desafiando os estereótipos de gênero e encorajando as crianças a seguirem seus sonhos com confiança e determinação.

A leitura de livros semelhantes a *Princesas em Greve*, desde a Educação Infantil, proporciona oportunidades valiosas para as crianças construir conhecimentos artísticos e se conectarem com suas próprias experiências de vida. Essas narrativas desafiam questões profundamente enraizadas em nossa sociedade, incentivando as crianças a repensarem e questionarem as normas estabelecidas.

Além disso, essa abordagem valoriza o conhecimento prévio da criança, tornando a leitura uma experiência agradável e memorável. Por meio da integração de diferentes práticas e saberes, com a orientação dos mediadores humanos, o espaço de leitura se torna uma ferramenta mediadora poderosa. Assim, a literatura infantil desempenha um papel essencial no empoderamento das crianças desde os primeiros anos de vida, promovendo a compreensão e a conscientização sobre os movimentos feministas e a igualdade de gênero.

O livro "*As Bonecas da Vó Maria*", escrito por Mel Duarte e ilustrado por Giovana Medeiros, narra a história de três empreendedoras de sucesso, inspiradas pela relação especial que tinham com sua avó. A obra retrata a trajetória das três irmãs e destaca a influência positiva da avó, que estimulava a imaginação das netas por meio da leitura de forma lúdica. Ao recordar essa prática prazerosa de interagir e estar na companhia dos avós, o livro ressalta como eles transmitem valores universais aos seus netos, enriquecidos pela própria vivência. Essa história nos lembra dos momentos maravilhosos e significativos compartilhados com nossos avós, e como esses momentos podem influenciar e moldar nossa jornada.

Figura 3 - Capa do livro "As bonecas da vó Maria"



(DUARTE, 2021).

Assim, de acordo com o livro mencionado anteriormente, podemos relacioná-lo com o empoderamento feminino. Além disso, o empoderamento feminino, de acordo com bell hooks (2018), envolve desafiar as estruturas patriarcais, combater o sexismo e a misoginia, e buscar a libertação das mulheres em todas as formas de opressão. Ela enfatiza a importância da solidariedade feminina e da união entre as mulheres na busca pela igualdade. Neste entendimento, hooks destaca a necessidade de uma educação feminista que ensine às mulheres desde a infância, encorajando-as a questionar as normas de gênero e a buscar seus objetivos sem restrições

Acreditamos, em uma educação como prática de liberdade, e a literatura infantil, especialmente os livros que se contrapõem ao branqueamento dos corpos, desempenha um papel significativo nessa abordagem. Esses livros ativam sonhos, possibilidades e permitem que as crianças brinquem com o desejo de serem príncipes, princesas ou super-heróis, independentemente de sua origem étnico-racial.

Essa prática de fortalecer a identidade étnico-racial das crianças negras desde a infância pode ser concretizada por meio das narrativas presentes nos livros. Essas narrativas

ajudam a construir uma identidade étnico-racial sólida para as crianças negras, tanto dentro do espaço escolar quanto além dele. Portanto, a literatura infantil desempenha um papel essencial na desconstrução de preconceitos, na valorização das características individuais e no fortalecimento da identidade étnico-racial das crianças negras, contribuindo para uma educação mais inclusiva e libertadora.

Em uma análise crítica reflexiva, compreendemos que livros semelhantes a este, contribuí para a desconstrução de estereótipos de que as pessoas negras apresentam-se como escravos e como subalternizados, assim, a criança pode reconhecer os elementos da sua “[...] etnia e tradição, podendo viver momentos de satisfação. Deve-se reiterar que esses livros contribuem para o empoderamento das crianças negras inferiorizadas e oprimidas, possibilitando a relação entre as diferentes culturas e povos” (LUZ; FERREIRA; FULLE, 2020, p. 13).

Segundo Luz; Ferreira, Fulle (2020) a criação de obras que valorizem a memória do povo negro, sua cultura e imagem é fundamental. É necessário reconhecer e celebrar a história, contribuições e realizações do povo negro, além de retratar personagens negros de forma positiva e complexa. Essas obras devem também incorporar contos africanos e elementos da tradição africana, proporcionando uma conexão enriquecedora com as raízes ancestrais. Além disso, é importante que as temáticas abordadas nessas obras dialoguem com as reflexões atuais sobre racismo e identidade brasileira, promovendo uma maior compreensão e enfrentamento dessas questões.

Em suma, acreditamos e defendemos que o feminismo pode e deve “andar de mãos dadas” com a literatura infantil, tendo em vista que, é nesta fase que as crenças e identidades estão em construção (hooks, 2008). Com base nisso, os princípios feministas sendo ensinados desde a mais tenra idade, poderemos pensar em uma educação mais equitativa, ou seja, a construção do pensamento antirracista desde a Educação Infantil com a Literatura infantil.

4. Considerações Finais

Ao iniciar este *paper*, tivemos como divulgar e popularizar o debate/pensamento da bell hooks relacionando-o com a educação, em especial, a Educação Infantil, por meio da literatura infantil com perspectivas feministas.

(hooks, 2008) aponta a Literatura feminista como um local de atuação, visto que, as crianças estão no processo de formação, dessa maneira, desde a primeira infância, é essencial o contato com a Educação Feminista para a construção de uma sociedade mais humana.

Acreditamos que por meio da literatura infantil com perspectivas feministas pode-se dialogar sobre as diferentes identidades presentes no ambiente escolar, bem como evidenciar as relações étnico-raciais, ampliando a representatividade de pessoas negras em lugares de destaque, a exemplo, como personagens principais das histórias. Com base nisso, poder-se-á enfraquecer o preconceito racial e romper padrões eurocêtricos. Neste sentido, ressaltamos a importância de repensar/mudar práticas pedagógicas, mesmo sabendo que as professoras são vítimas do processo histórico da falta de investimento na educação brasileira, ou seja, destacamos a relevância de estudos como este, para repensar o trabalho docente.

Além disso, enfatizamos que o cuidado com a criança é responsabilidade de todas as pessoas. Nesse sentido, o diálogo com a família e a implementação de projetos na escola desempenham um papel fundamental. Essas ações são de extrema importância para garantir um ambiente inclusivo e acolhedor, onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

Propomos, lutarmos juntas pelo o que nos une, lutar contra as opressões. Assim, “Podemos trabalhar em nome do feminismo do lugar onde estamos. Podemos começar a fazer o trabalho pelo feminismo em casa, exatamente onde moramos, educando a nós mesmos e às pessoas que amamos.” (hooks, 2018, p. 122).

hooks pondera o quão importante é lembrar do passado para que possamos construir um futuro mais justo e equitativo com o movimento e as políticas feministas:

Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos de nossa vida pública e privada. As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo. (hooks, 2018, p. 123).

As políticas públicas desempenham um papel fundamental na busca pelos princípios feministas e na conquista da justiça social. De acordo com hooks (2018, p. 100), elas são o único caminho para alcançar uma visão de bem-estar mútuo, resultado da teoria e prática feminista. Nesse contexto, o livro "O feminismo é para todos" se destaca como uma valiosa porta de entrada para aqueles que se interessam por questões relacionadas ao movimento e para aqueles que desejam adentrar o mundo da teoria feminista. A obra aborda temas essenciais, desde a análise das estruturas patriarcais e opressivas até a exploração das lutas históricas e contemporâneas das mulheres por igualdade e autonomia. Com uma linguagem acessível e envolvente, o livro desperta reflexões profundas e inspira ações transformadoras. Portanto, não perca mais tempo! Junte-se a nós nessa jornada de empoderamento e igualdade. O feminismo é para todo mundo!

Referências

DUARTE, Mel. *As bonecas da vó Maria*. Itaú. 8p. 2021.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rosa dos Tempos. 175p. 2018.

LINHARES, Thais. *Princesas em greve!*. Cortez; 1ª ed. 32p. 2019.

LUZ, Flávia Abud. FERREIRA, Carlos Augusto França. FULLE, Bruno Fernandes. A literatura infantil africana: rompendo com a cultura hegemônica. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 90379–90395, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/20218> Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, M. P. D; BRANCO, A. U. Negritude e infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. In: *Psico*. v. 42, n. 2, pp. 197-205, abr/jun. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25529821.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SOUZA, Renata Junqueira. MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. Contação de histórias, espaço e mediação: as experiências do CELLIJ. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. Canoas, v. 24, n. 2, 2019. p. 32-40. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5108> Acesso em: 5 out. 2022.

Como referenciar este artigo:

SANTINO, Fernando Schlindwein; CREMONEZE, Marcielli de Lemos; MENDONÇA, Rhebeca Oliveira. Um convite - aproxime-se e verá: o feminismo é para

todo mundo. D'Generus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero. Pelotas: UFPel. v.
02, n. 01, p. 000-000, 2023. ISSN: 2764-9938. DOI: XXXXX